



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

**MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL): DINÂMICAS E REPERTÓRIO DE AÇÃO COLETIVA
NA DISPUTA POR HEGEMONIA**

ISABELLE AZEVEDO FERREIRA

isabelle.azevedo@gmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Brasil



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMO

A crise política institucional e dos movimentos sociais tradicionais – que levou ao arrefecimento das agendas políticas durante os governos progressistas e aos processos de mobilização de junho de 2013 – abriu precedente para a reorganização de um campo politicamente mais à direita que, a priori, se caracteriza por uma aproximação com os ideais liberais, ao passo que também se aproxima de ideias conservadoras quanto aos valores e aos costumes.

É nesse contexto que surge o Movimento Brasil Livre (MBL). O grupo político nasceu no ano seguinte as mobilizações brasileiras de junho de 2013, formado por associados à organização Estudantes pela Liberdade (Students for liberty, no inglês). A organização ganhou grande visibilidade ao empreender uma ferrenha campanha contra a corrupção no país e contra a presidenta eleita Dilma Rousseff. A nossa hipótese é que o MBL disputa a hegemonia na sociedade civil com estratégias de atuar em diversas frentes das organizações da sociedade civil, articulando ações políticas com ONGs, com protagonizando movimentos de rua, apresentando candidatos para as instituições parlamentares municipais, estaduais e federais, entre outras.

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é mapear o repertório de ação do Movimento Brasil Livre (MBL), entre 2015 e 2016, tomando como referência as principais manifestações organizadas pelo grupo e visibilizadas nas redes sociais e no aparato midiático do MBL (Facebook e os sites Ceticismo Político e Jornal Livre). De forma analítica, conseguimos não apenas reconhecer os repertórios traçados pelo MBL, mas também traçar uma evolução histórica do grupo nesse último período.

De forma específica, o objetivo é fazer ainda reflexões sobre o papel desta organização política nas disputas por hegemonia da sociedade civil, sobre o protagonismo deste grupo para a reorganização de movimentos ligados a grupos dominantes (com um viés mais à direita e aos conservadores) e o uso das mídias para a mobilização e engajamento da sociedade. Para tanto, o trabalho está amparado em autores como Charles Tilly (1978), Sidney Tarrow (2009), Doug Mcadam (2009), para tratar do repertório de ação e o conflito político, e Antônio Gramsci, para discutir a questão da hegemonia.

ABSTRACT

The institutional political crisis and traditional social movements – which led to the cooling of political agendas during the progressive governments and the mobilization processes of June 2013 – set the precedent for the reorganization of a politically more right-wing field that is characterized by approach to liberal ideals, while also approaching conservative ideas about values and customs.

It is in this context that the Free Brazil Movement (MBL, in portuguese) is born. The political group was born the following year the Brazilian mobilizations of June of 2013, formed by associates to the organization Students for freedom. The organization gained great visibility by embarking on a tough campaign against corruption in the country and against the president-elect



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Dilma Rousseff. Our hypothesis is that MBL contests hegemony in civil society with strategies to act on several fronts of civil society organizations, articulating political actions with NGOs, leading street movements, presenting candidates for municipal, state and federal parliamentary institutions, among others.

In this sense, the objective of this work is to map the action repertoire of the Free Brazil Movement (MBL) between 2015 and 2016, taking as a reference the main manifestations organized by the group and visible in the social networks and the media apparatus of MBL (Facebook and sites Political Skepticism and Free Newspaper). Analytically, we managed not only to recognize the repertoires drawn up by MBL, but also to trace a historical evolution of the group in the latter period.

Specifically, the objective is to further reflect on the role of this political organization in the struggles for hegemony of civil society, on the role of this group for the reorganization of movements linked to dominant groups (with a more right-wing and conservative bias) and the use of media for the mobilization and engagement of society. For this, the work is supported by authors such as Charles Tilly (1978), Sidney Tarrow (2009), Doug Mcadam (2009), to discuss the repertoire of action and political conflict, and Antônio Gramsci, to discuss the issue of hegemony.

Palabras clave

Repertório; Ação Coletiva; Hegemonia

Keywords

Repertoire; Collective action; Hegemony



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

I. Introdução

Após a crise econômica de 2008, uma onda de mobilizações levou milhares de pessoas às ruas e às praças das principais cidades do mundo. Do Oriente Médio à América Latina, passando por grande parte da Europa e dos Estados Unidos, emergiram protestos como o Occupy Wall Street, nos Estados Unidos; o movimento dos Indignados ou 15M, na Espanha; as jornadas de luta pela educação pública, no Chile; a Primavera Árabe, ocorrida na Tunísia e no Egito; as revoltas na Grécia, etc.

Todas estas manifestações são apontadas como movimentos que lutavam por um processo de democratização dos governos e da política, mas também contra a austeridade econômica provocada pelo capitalismo neoliberal (Della Porta, 2015; Castells, 2013). Entendemos, portanto, que é necessário resgatar os aspectos estruturais do capital que levam aos conflitos (Barker et al., 2013; Della Porta, 2015; Galvão e Tatagiba, 2017), compreendendo que o capitalismo sempre se transformou, através de complexas e dinâmicas interações entre atores diferentes, acompanhado de ondas de crescimento econômico e declínio (Della Porta, 2015).

Apesar dessa intensa movimentação, diferentemente do que ocorreu no final da década de 1990 – com a explosão de diversos movimentos antiglobalização e antissistêmicos, atuando contra o capital e o neoliberalismo –, o resultado pós-mobilizações não foi necessariamente o desenvolvimento de organizações sociais com uma ênfase na luta contra o sistema vigente. O que aconteceu foi uma profusão de movimentos das mais variadas orientações políticas que se tornaram visíveis no cenário público. Temos assistido, assim, a uma forte reorganização das “direitas” no mundo, bem como de movimentos sociais ligados a elas.

Estas forças “das direitas” se caracterizam por uma aproximação com os ideais liberais, ao passo que também se aproximam das ideias conservadoras quanto aos valores e aos costumes, com a incorporação de expressões do racismo, do colonialismo, do nacionalismo, do patriarcado, aproximando-se ainda do ideário nazista e fascista. É, portanto, um campo diverso e heterogêneo, por isso a necessidade de pluralizar o termo.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Entretanto, há marcadores comuns a esses movimentos das “direitas” que estão relacionados com o papel das classes dominantes e a reorganização do neoliberalismo, ou seja, com a composição dos movimentos e o período histórico em que ele está inserido. Considerando as relações de dominação-subordinação que se desenvolvem nas sociedades, observamos que o primeiro desses marcadores é a forte presença das classes dominantes nas organizações, havendo ainda uma presença e uma aliança com outras classes (Davidson, 2013; Agrikoliansky e Collovald, 2014), em especial as classes médias. O segundo marcador é que essas “direitas” auxiliam no processo de reorganização do neoliberalismo e, em tempos de crise pós 2008, são parte de um novo tempo de reorganização da acumulação do capital.

Neil Davidson (2013, p. 285, tradução nossa) aponta que os movimentos sociais "de direita" podem se relacionar com as estratégias de acumulação do capital em três caminhos: “1. Eles são de apoio direto. 2. Eles são compatíveis com e/ou indiretamente de apoio através do fortalecimento das posições ideológicas associadas ao domínio capitalista, mas isso pode não ser essencial para ele. 3. Eles são indiretamente e possivelmente involuntariamente desestabilizadores”.

Acrescento ainda mais um quarto caminho: ajudam no processo de diluição das lutas de classes, na medida em que primeiro incorporam uma agenda política e midiática baseada em um discurso “honestista” (Caparrós, 2009; Vitullo, 2012), que determina a corrupção como o grande mal da sociedade. Além disso, incluem debates moralistas, tirando de cena qualquer referência sobre o projeto neoliberal, quer seja sobre a retirada de direitos das populações historicamente excluídas ou da classe trabalhadora, quer seja sobre a avanço sobre a soberania nacional. Esse caminho auxilia os movimentos de direita a formarem alianças entre dominantes e frações de classes médias que dificultam as tentativas de organização da classe trabalhadora, por exemplo.

No Brasil, as manifestações de junho de 2013¹ colocaram em evidência a existência de um “mal-estar democrático”. A aparente inércia social se transformou rapidamente numa explosão de

¹ Embora possamos identificar ciclos de protestos de Junho de 2013 e de durante o período entre 2014 e 2016, não podemos esquecer as duas tentativas forjadas pelas elites e que são anteriores aos períodos citados. O primeiro deles é o Movimento Cívico pelos Direitos dos brasileiros, autodenominado pelos seus integrantes de "Cansei" (Tatagiba et al., 2016). Surgido em 2007 (logo após a eleição presidencial de 2006), foi um movimento efêmero criado pelas elites brasileiras (em especial a elite paulista), tendo a frente o empresário e hoje prefeito de São Paulo, João Dória Júnior. Alimentado pela chamada "crise aérea", quando aconteceu o acidente com o voo 3054 da TAM, o movimento ganhou a adesão de artistas e empresários, realizando seu maior protesto em 17 de agosto de 2007.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

mobilizações que levou milhares de pessoas às ruas, em diversas cidades do país, colocando em pauta reivindicações difusas sobre as condições de transporte, saúde, educação, moradia e a política em geral. Não podemos classificar esse ciclo de protestos como de “direita”. Mas o fato abriu precedente para o surgimento e a organização de diversos tipos de grupos sociais, das mais variadas vinculações ideológicas. André Singer (2013) afirma que conseguimos observar melhor os extremos dos grupos que se formaram: “Apareceu de imediato o viés progressista das manifestações (...). Surgiu também com clareza a vertente à direita, que pretendeu desencadear uma pressão regressiva em relação ao campo popular que está no governo com o lulismo desde 2003” (p.32).

É nesse contexto que surge o Movimento Brasil Livre (MBL). O MBL nasceu após as mobilizações de junho de 2013, como uma marca criada pelo grupo Estudantes pela Liberdade (Students for liberty, no inglês) para que os associados à organização estadunidense pudessem participar das manifestações, uma vez que a entidade estrangeira não permitia que seus membros pudessem desenvolver atividades políticas.

No ano seguinte, o movimento se consolida, sob a liderança do jovem estudante Kim Kataguirí, ao protagonizarem diversas manifestações contra o governo da presidenta Dilma Rousseff e o partido dos trabalhadores, sendo um dos principais atores do processo de mobilização do impeachment da então presidenta eleita. Com grande inserção midiática, o jovem Kim Kataguirí se notabilizou por conta da caminhada-protesto que saiu de São Paulo ao Congresso Nacional e por, em 2016, estrear como colunista do maior jornal do país, a Folha de São Paulo, com publicações quinzenais e veiculação apenas na internet.

Organizado em sua maioria por jovens, o grupo MBL atua em diversos estados do país e se afirma como inspirados em valores liberais, com o objetivo de “recrutar e formar a nova massa crítica que irá transformar o cenário político do país” (Movimento Brasil Livre [MBL]a, 2015, p.10). Acreditam que o Estado deve ser provocado e transformado com maior eficácia.

Para eles o debate político atual é pobre e superficial, sobretudo o debate empregado por sindicalistas e “lideranças de vermelho” cuja luta está relacionada com a política tradicional. “É, portanto, o terreno perfeito para que os novos ativistas políticos do século XXI possam expor suas



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio

ideias e conceitos, bem como propor novas soluções liberalizantes para os velhos problemas que assolam suas respectivas comunidades" (MBLa, 2015, p.10).

Nos intriga a forma escolhida pelos “dominantes” para recuperarem o seu projeto político social: o estímulo às mobilizações sociais, uma vez que eles detêm enorme poder político dentro do sistema partidário e no setor financeiro, não precisando, para tanto de uma mobilização de massas.

O objetivo deste trabalho é mapear o repertório de ação do Movimento Brasil Livre (MBL), entre 2014 e 2016, tomando como referência as principais manifestações organizadas pelo grupo e visibilizadas nas redes sociais e no aparato midiático do MBL (Facebook e os sites Ceticismo Político e Jornal Livre). De forma analítica, conseguimos não apenas reconhecer os repertórios traçados, mas também traçar uma evolução histórica do grupo nesse último período.

De forma específica, o objetivo é fazer ainda reflexões sobre o papel desta organização política nas disputas por hegemonia da sociedade civil, sobre o protagonismo deste grupo para a reorganização de movimentos ligados a grupos dominantes (com um viés mais a direita e aos conservadores) e o uso das mídias para a mobilização e engajamento da sociedade.

II. Ação Coletiva e disputa por hegemonia

As mudanças nas formas de ação e nos comportamentos sociais são atribuídas ao processo político, ao desenvolvimento do capitalismo no Estado, à estrutura de poder e à organização política (Tilly, 1978). Nesse sentido, a teoria do confronto político ou da política contenciosa², parte de um projeto³ liderado principalmente por Charles Tilly, Sidney Tarrow e Doug McAdam, busca criar diretrizes teóricas e empíricas sobre uma enorme variedade de interações coletivas decorrentes do confronto político. Para tanto, apostam em um maior pluralismo disciplinar, espacial e teórico (Bringel, 2011). O termo “Confronto Político” é utilizado aqui para sintetizar a tríade de conceitos que giram em torno deste termo: movimentos sociais, revoluções e ação coletiva. Sobre o conceito, Tarrow (2009), no livro *Poder em Movimento*, afirma que o confronto político:

² No inglês o termo utilizado é Contentious Politics. A tradução literal é política contenciosa. Aqui utilizamos a tradução de Bringel (2011)

³ O projeto é descrito no texto “Para Mapear o confronto político” cuja referência está ao final do texto.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

“(...) é desencadeado quando oportunidades e restrições políticas em mudanças criam incentivos para atores sociais que não tem recursos próprios. Eles agem através de repertórios de confronto conhecidos, expandindo-os ao criar inovações marginais. O confronto político conduz a uma interação sustentada com opositores quando é apoiado por densas redes sociais e estimulando por símbolos culturalmente vibrantes e orientados para a ação. O resultado é o movimento social.” (Tarrow, 2009, p.18).

Desta forma, fica nítido que o movimento nasce de processo político, a partir do momento em que se estabelecem oportunidades políticas. Essas oportunidades políticas não são necessariamente formais ou racionais, mas são aquelas próprias da luta política que levam as pessoas a se engajarem no confronto político. À medida em que as oportunidades políticas são aproveitadas, vão sendo criadas novas oportunidades que são aproveitadas por outras pessoas, ainda que estas não tenham tantos recursos. Inauguram-se, portanto, grandes ciclos de protestos. As restrições seriam as situações que desencorajam a luta, a exemplo da repressão.

As ações coletivas não ocorrem ao acaso. Elas são fruto de uma reconstrução dada a partir de determinado contexto político. Isso significa que o foco metodológico dos estudos dirige-se a uma perspectiva sistemática e historicamente estruturada da ação. Devem ser entendidos do ponto de vista processual e não apenas parcial. Com isso, podemos dizer que a interação coletiva contra as elites, opositores e autoridades advém do confronto político na medida em que: “(1) ela envolve confronto, ou seja, faz reivindicações vinculadas a outros interesses e (2) pelo menos um grupo da interação (incluindo terceiros) é um governo, isto é, uma organização que controla os principais meios de coerção concentrados num território definido” (Mcadam, Tarrow E Tilly, 2009, P.12).

Para Tilly (1978), o repertório de ações coletivas vão desde manifestações pacíficas, marchas, demandas públicas a ações violentas. Com isso, ele atribui que as ações coletivas não são apenas movimentos políticos contrários à ordem política, econômica e social estabelecida, ou seja, não são característicos apenas dos movimentos sociais. São também as movimentações de pessoas sem histórico partidário que se manifestam por objetivos comuns. Entretanto, isso não significa performances individuais, mas sempre ações coletivas. “Como suas contrapartes teatrais, repertórios de ação coletiva designam não performances individuais, mas meios de interação entre pares de



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

grandes conjuntos de atores. Uma companhia, não um indivíduo, mantém um repertório. (Tilly, 1995)”. (Como citado em Alonso, 2012, p. 25).

Um aspecto importante da teoria do confronto político está na relações estabelecidas entre o Estado e os movimentos sociais, mas também fora dele. Existe uma relação de interdependência entre esses dois atores, explicada a partir das mudanças nas oportunidades políticas junto a elementos estruturais mais estáveis como a força ou fraqueza do Estado, as formas de repressão que este emprega e a natureza do sistema de partidos, com os quais condicionam a ação coletiva (Tarrow, 2009).

Entretanto, reconhecemos que a ação se constitui para além da política contenciosa. Ela se estabelece também nas disputas pelos aparelhos privados de hegemonia, para usar a concepção gramsciana do termo. Compreendemos, portanto, que está em curso uma disputa de forças hegemônicas que procuram, dentre outras coisas, retomar também uma matriz liberal sobre a sociedade civil. Nesse sentido, é interessante analisar as modalidades burguesas de associatividade e de organização que "(...) em geral resultando de conflitos ou divergências no interior da classe dominante, precisam espalhar-se para além dos limites estreitos da própria classe (...)." (Fontes, 2010, p. 139). Para isso, como aponta a autora, envolvia os setores subalternos de maneira educativa e formadora, ampliando o Estado e contendo distintos projetos burgueses.

Acerca da Hegemonia, tomamos como referência o filósofo italiano Antônio Gramsci. Ele regasta em Marx, e na filosofia da práxis de Lênin, o sentido filosófico da ação, que não é apenas teórica, mas também é prática e, sobretudo, transformadora, como aponta Marx no escrito XI *teses sobre Feuerbach*, ao discorrer sobre a práxis revolucionária: “Os filósofos apenas interpretaram o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo.” (Marx e Engels, 2007, p. 535).

O termo hegemonia se diferencia do sentido empregado por Lênin que, embora não faça uso da palavra em si, faz um apanhado substancial do conceito ao tecer considerações sobre a ditadura do proletariado. Para Gramsci, a hegemonia seria a capacidade de direção, de conquistar alianças e a capacidade de fornecer uma base social ao Estado. “Nesse sentido, pode-se dizer que a hegemonia do proletariado realiza-se na sociedade civil, enquanto a ditadura do proletariado é a forma estatal assumida pela hegemonia (Gruppi, 1978, p. 5). Para Portelli (1977 como citado em Rodrigues,



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

2010) o problema essencial de Lênin é a derrubada do aparelho de Estado pela via da violência, devendo derrubar a sociedade política e, com isso, a hegemonia política. Gramsci, ao contrário, considerava que a hegemonia era a primazia da sociedade civil sobre a sociedade política.

O termo sociedade civil ganha uma importância central para a hegemonia gramsciana e para a teoria ampliada do Estado em Gramsci, sendo considerado como “portador material da figura social da hegemonia, como esfera de mediação entre a infra-estrutura econômica e o Estado em sentido restrito” (Coutinho, 1981, p.87). Nesse sentido, Coutinho (1981) afirma que aqui é preciso recuperar a origem de Marx, Engels e Lênin sobre o Estado, afirmando que reside nele a gênese da divisão da sociedade em classes, sendo sua função a de conservar e reproduzir tal divisão, garantindo assim que os interesses particulares de uma classe possa se impor sobre os interesses gerais da sociedade. Essa natureza classista é respaldada graças a estrutura do Estado e seus aparelhos repressivos.

Gramsci (*apud* Coutinho, 1981), inserido em um outro contexto histórico (diferente de Marx, Engels e Lênin), em que já se estabelecem a organização de sindicatos e partidos políticos, aponta para o reconhecimento de uma socialização da política do capitalismo desenvolvido, com a formação de sujeitos políticos de massa (Coutinho, 1981), no qual atribui sobre os partidos e as associações a alcunha de “trama privada do Estado”. Em seguida, essa “trama” é considerada de sociedade civil, dotada de aparelhos privados de hegemonia, que se diferenciam pelo não uso da repressão. Segundo Coutinho (1981), para Gramsci, a conquista pelo poder do Estado, deveria ser precedida por uma longa batalha por hegemonia e por consenso no interior dessa sociedade civil.

Com essa caracterização, o autor italiano se afasta do conceito de sociedade civil usado anteriormente por Marx, e passa a conceber o Estado de forma ampliada, considerando duas esferas principais: a sociedade política e a sociedade civil. Para Gramsci (1987), o Estado seria exatamente o equilíbrio da sociedade política com a sociedade civil ou ainda, a hegemonia de um grupo social sobre a sociedade nacional. Para Coutinho (1981) a sociedade civil seria, portanto, “(...) formada precisamente pelo conjunto das organizações responsáveis pela elaboração e/ou difusão das ideologias, compreendendo o sistema escolar, as Igrejas, os partidos políticos, os sindicatos, as organizações profissionais, a organização material da cultura (revistas, jornais, editoras, meios de



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

comunicação), etc” (p. 91). Sendo que, segundo Coutinho (1981) era possível que um grupo social pudesse ser dirigente hegemônico antes mesmo de conquistar o poder governamental.

Para tanto, Gramsci (2011) ressalta tanto o papel da organização quanto dos “intelectuais”. Para o autor italiano, é na sociedade civil que operam os “intelectuais”. Considera-se que os intelectuais “orgânicos” são formados a partir do desenvolvimento progressivo que cada nova classe cria consigo, sendo, na maioria dos casos, “especializações de aspectos parciais da atividade primitiva do tipo social novo que a nova classe deu à luz” (Gramsci, 2001, p.16). Isso porque, como pontua o autor italiano, todo grupo social que possui uma determinada função no mundo da produção econômica, cria uma ou mais camadas de intelectuais que vão configurando consciência da própria função no campo econômico, mas também no social e no político. Mesmo havendo funções que emergem de uma estrutura econômica anterior, possui categorias intelectuais preexistentes (Gramsci, 2001).

Fontes (2010) aponta que a análise gramsciana do Estado, a partir da relação com os aparelhos privados de hegemonia, permite analisar “processos distintos e imbricados” (p.139). O primeiro deles é a ampliação do Estado e a constituição de redes de associativismo para a consolidação do capitalismo no período monopolista. Para a autora, é interessante analisar o que ela considera como modalidades burguesas de associatividade e de organização.

A segunda abordagem proposta por Fontes (2010) sugere que revolução passiva ou revolução-restauração se traduz num duplo movimento (interno e externo). Internamente, a revolução passiva tinha a intenção de conter a inspiração revolucionária das revoluções clássicas (a exemplo da francesa). Para tanto, a revolução passiva e a ação transformista contava com uma aliança com as classes dominantes. Com isso, “Os aparelhos privados de hegemonia assumiam uma nova centralidade, de maneira a estabelecer pontos de luta precoces em diferentes áreas da atuação e organização popular, para impedi-la, modificá-la, corrompê-la” (Fontes, 2010, p. 140).

Não à toa, a proposta deste artigo transita entre estas duas abordagens, na investigação sobre o associativismo das classes dominantes e no uso dos aparelhos privados de hegemonia na organização popular. Não perdendo de vista, portanto, o processo de luta de classes que se



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

complexificou durante os governos progressistas, à medida em que há transformações substanciais nas classes e na adesão dessas classes aos projetos políticos.

Metodología, Análisis y discusión de datos

Esta é uma pesquisa exploratória, parte da investigação da pesquisa de doutoramento em curso. Os dados foram coletados da página do Movimento Brasil Livre no Facebook⁴, utilizando-se do buscador da rede social e tomando como referência o período de novembro de 2014⁵ a 2016. Foi feita uma tentativa de listar as cinco principais publicações de cada mês, sugeridas pelo buscador, de forma que obtivemos um total de cerca de 143 publicações. A página foi escolhida por ter se tornado o principal elemento de articulação e mobilização do grupo, dado confirmado com a análise do material.

Com fins de análise interpretativa, o material foi codificado e categorizado de acordo com as técnicas de análise de conteúdo (Bardin, 1977). A ênfase aqui é dada na unidade temática “que consiste em descobrir os 'núcleos de sentido' que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição, podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido” (Bardin, 1977, p 105).

Os repertórios de ação coletiva praticados pelo MBL não diferem tanto do que tem feito os movimentos mais tradicionais. Protestos de rua, painéis, acampamentos públicos, lobby junto aos políticos, entre outros estão entre as estratégias utilizadas pelo grupo, ocupando não apenas as redes sociais (no que se refere à Internet), mas também às ruas. De fato, a grande novidade neste período foi a capacidade dos grupos de direita disputarem e conseguirem aglutinar as massas nas ruas, uma demonstração de que há mais pessoas dispostas a aderirem a este processo.

Ao longo da seleção do material, contabilizamos cerca de oito protestos de rua durante o período de 2014 a 2016 e três “painéis”, em uma nítida tentativa de organizar e dirigir a população contrária aos governos petistas e favoráveis ao processo de impeachment da presidenta Dilma. As postagens do grupo apostam em quantificar os protestos como forma de visibilizar o

⁴

⁵ Período de surgimento do Movimento Brasil Livre (MBL)



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

potencial do grupo. Nesse sentido, tanto o número de cidades em que as ações são realizadas quanto o número de participantes são contabilizados, em uma demonstração de força e de avanço da agenda política posta em questão bem como de reafirmar a capacidade de mobilização do MBL.

Para tanto, as chamadas utilizadas pelo grupo têm como alvo o Partido dos Trabalhadores, a quem o grupo responsabilizava, à época, pelo caos político e o econômico instalado no país, ao ponto de intitular o partido de “sabotadores da democracia brasileira” (MBL, 2015b)⁶. Expressões como “Não podemos mais tolerar essa turma no nosso Brasil!” (MBL, 2015c)⁷ e “O Brasil não pode mais aceitar esse partido no poder!” (MBL, 2015d)⁸ são comumente empregadas nas chamadas das postagens.

As imagens também são uma arma poderosa, já que é possível ver várias fotos de várias cidades, com destaque para fotos e filmagens sempre de cima do trio elétrico ou aéreas. Visualmente, o grupo adere as cores da bandeira do Brasil: o verde e amarelo. A exaltação ao patriotismo, em contraste ao vermelho utilizado pela maioria das esquerdas, é mais uma forma de interdição do PT e de assumir quem dirigirá a pátria.

O “panelaço”, manifestação caracterizada pelo tilintar dos utensílios, é uma outra estratégia empregada pelo grupo. Aqui, o “panelaço” ganha uma adesão de classe diferente do que a origem histórica deste protesto indica. Avritzer (2015) aponta que esta manifestação tipicamente latino-americana tem sua origem nas classes médias empobrecidas que iam às ruas com o objetivo de mostrar aos governantes que as suas panelas estavam vazias. No caso do Brasil, não havia um empobrecimento dessa classe. Ao contrário, conseguiram diversas benesses durante os governos Lula e Dilma. Para o autor, “As panelas estão sendo batidas no Brasil com um significado principal, a interdição da fala do outro. (...) O recado da classe média brasileira é claro: não estamos dispostos a ouvir nenhum discurso que venha do governo ou do PT” (Avritzer, 2015).

Mais do que a ação realizada, vale a visibilidade do panelaço. Por isso, os vídeos contendo o barulho dos objetos é destacado pelo grupo para marcar a força da ação. Os lugares onde a atividade

⁶ Recuperado de <https://www.facebook.com/mblivre/videos/287572731366877/>

⁷ Recuperado de <https://www.facebook.com/mblivre/photos/a.204296283027856.1073741829.204223673035117/287376644719819/?type=3>

⁸ Recuperado de <https://www.facebook.com/mblivre/videos/287613058029511/>



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

acontece também ressaltam a ideia de força e visibilidade do MBL a exemplo da chamada para o pannelaço em Curitiba (PR): “Curitiba, onde os corruptos estão presos IMPEACHMENT JÁ!” (MBL, 2015e)⁹.

O outro destaque dos repertórios empregados nesse período, é a chamada Marcha para a Liberdade. Iniciada em 17 de abril de 2015, partiu de São Paulo a Brasília com o intuito de dar visibilidade a pauta da corrupção e para protocolar um pedido de impeachment da presidenta Dilma, levando “a força do povo ao Congresso Nacional” (MBL, 2015f)¹⁰. A caminhada-protesto enquanto ação política conseguiu visibilizar ainda mais o MBL, consolidando a liderança do grupo no campo da direita.

Junto com a marcha, aqui aparece um outro elemento importante utilizado como estratégia pelo MBL: o lobby político. Aliás, observamos que, ao longo do material selecionado, este é um elemento utilizado com frequência pelo grupo, fazendo ainda uso da imagem pública dos políticos e de celebridades para chamar aos atos de rua. No caso do processo de impeachment, o grupo não apenas protocolou o material como persuadiu deputados a aderirem favoravelmente ao impeachment quando instalado o processo. A estratégia contou ainda com reuniões com o então presidente da Câmara Eduardo Cunha. Nesse caso, o MBL passou a fazer uma campanha intitulada “Placar Fora Dilma”, em que abordava os deputados para que declarassem publicamente o voto. A campanha contou ainda com financiamento coletivo, a partir de arrecadação on-line.

Iniciado a abertura do processo de impeachment da presidenta Dilma, o MBL (em parceria com outros grupos como Revoltados On-line e Vem Pra Rua) montaram, em outubro de 2015, um acampamento em frente ao Congresso Nacional como forma de acompanhar de perto o processo do julgamento e pressionar ainda mais os parlamentares. O ato era ocupar Brasília:

Pessoas de todos os cantos do país, de todas as classes sociais, de todas as cores e amores estão reunidas por um ideal: um Brasil livre. Essa luta é todos, essa luta é para todos. Vamos Ocupar Brasília e exigir o impeachment de Dilma Rousseff e a saída do PT do poder, o primeiro passo por um Brasil mais livre, justo e próspero. (MBL, 2015g)¹¹

⁹ Recuperado de <https://www.facebook.com/mblivre/videos/309288255861991/>

¹⁰ Recuperado de <https://www.facebook.com/mblivre/videos/297263577064459/>

¹¹ Recuperado de <https://www.facebook.com/mblivre/videos/325041820953301/>



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

O acampamento também serviu de base para que o grupo concentrasse para um calendário de protestos relâmpagos. O acampamento durou pouco mais de um mês, sendo retirado por ordem dos presidentes das casas legislativas e depois do movimento entrar em confronto com grupos ligados à esquerda, como o MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto).

Progressivamente em que a ação política do grupo se aprofunda, se intensifica o processo de organização coletiva. O material coletado aponta que houve pelo menos dois congressos organizativos do MBL, de caráter nacional, com vistas a discutir assuntos da conjuntura do país, mas também do próprio movimento. Com isso, a possível efemeridade do grupo (apontada por muitos pesquisadores como certa após o processo do impeachment presidencial) é desconstruída à medida que há uma tentativa de organização da associação.

Nesse processo da ação política, é importante perceber a estratégia discursiva que o Movimento Brasil Livre constrói. O tipo de narrativa empregado ajuda a mobilizar e a dirigir a disputa das ruas, ao passo que dirigem às massas para uma agenda política em que predomina a luta pelo fim da corrupção; a criminalização de movimentos tradicionais como uma forma de se diferenciarem dos demais atores e de se firmarem no campo político¹²; e a criminalização do maior partido de esquerda do país, o Partido dos Trabalhadores.

Ideias comuns ao neoliberalismo como a flexibilização das leis trabalhistas e o incentivo ao empreendedorismo são temas frequentemente propagadas pelo grupo. O governo de Macri, na Argentina, de caráter neoliberal, torna-se um exemplo para o grupo, em detrimento do que acontece na Venezuela, caracterizada como “ditadura” e um país mergulhado no caos.

Nesse sentido, as redes sociais do Movimento Brasil Livre atuam como um aparelho privado de hegemonia, uma vez que organizam e difundem informações e ideias que são capazes de influenciar não apenas a agenda política, mas dar condições de estabelecer o programa que trará a suposta estabilidade ao sistema social. Para tanto, fazem uso sistemático de ataques ao PT e sempre o atrelando o partido à corrupção é uma outra função assumida pelo movimento, neste processo, ajudando não apenas a criar um consenso mas a intensificar o ódio ao partido da esquerda.

¹² Um exemplo é o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) que são comumente chamados de arruaceiros e/ou baderneiros pelo grupo de direita.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Além das redes sociais, o grupo passa a contar também com dois sites que se tornam instrumentos na disputa por hegemonia. As páginas Ceticismo Político e Jornal Livre¹³ ganham importância para o grupo, passando a ser o canal oficial das informações. À medida que o MBL ganha visibilidade há um aumento de curtidas, compartilhamentos e comentários em suas páginas e no número de visualizações das transmissões ao vivo.

O MBL se consolida, assim, enquanto intelectuais, atuando não no processo direto e imediato da produção econômica, como previu Gramsci (2001), mas tendo sua atuação “mediatizada em diversos graus”(p.20). Nesse sentido, exercem funções que garantem ao grupo dominante a hegemonia social e do governo político, construindo consensos "espontâneos" (Gramsci, 2001, p.20) que se sustentam pela confiança e prestígio do grupo.

Podemos inferir, à guisa de conclusão deste tópico, que o MBL não apenas identificou as oportunidades políticas para o confronto político, mas colocou-se como ator importante na disputa por hegemonia. As estratégias traçadas pelo grupo – velhas conhecidas dos grupos tradicionais da esquerda – embora pouco inovadoras, surtiram efeito muito mais pelo discurso do que pela ação em si. Com isso, a grande proeza do movimento foi conseguir dirigir uma massa insatisfeita com o Partido dos Trabalhadores e absorva no discurso honestista, conduzindo-os ao protagonismo do processo do impeachment presidencial e retomando o projeto neoliberal.

À guisa de conclusão

Embora este estudo tenha sido desenvolvido de uma maneira bem introdutória, procuramos ao longo deste trabalho mapear o repertório de ação do Movimento Brasil Livre com vistas a compreender o papel deste movimento nas disputas por hegemonia. Mas do que isso, procuramos também identificar as mudanças ocorridas nos movimentos sociais à luz da retomada do projeto neoliberal no continente latino-americano, depois de anos de governos progressistas, e de uma nova reestruturação do capitalismo.

¹³ O endereço eletrônico dos sites são: <https://ceticismopolitico.com/> e <https://jornalivre.com/>, respectivamente.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Conseguimos perceber que há uma nova investida neoliberal sobre a sociedade civil que não está apenas ligada a utilização das chamadas *thinks thanks* e nem da conversão mercantil de determinados aparelhos privados de hegemonia, a exemplo das organizações não-governamentais (ONGs), como explica Fontes (2010) em sua obra. A nova investida se volta diretamente sobre os movimentos sociais, com o intuito de criar um ambiente de participação e mobilização de massa para influenciar as democracias. A disputa do projeto neoliberal se dá na projeção de um certo consenso com os aqueles insatisfeitos com os governantes.

Nesse sentido, o confronto político, ou a política contenciosa, ajudam a forjar os atores e a colocá-los na cena da disputa política, por isso a importância de compreender seu surgimento e atuação. Mas a finalidade e o propósito das manifestações e mobilizações está longe de ser apenas um conflito de interesses entre classes. É, sobretudo, a própria luta de classes.

Compreendemos, portanto, que o repertório de ação coletiva estabelecido pelo Movimento Brasil Livre repete o roteiro dos movimentos tradicionais. Não há inovação. A novidade está em conseguir visibilidade e adesão a um projeto que nitidamente está à direita no processo político, a partir da construção de discursos que inflam os ânimos dos que já estão convencidos com determinadas questões. Por fim, não podemos deixar de citar o papel das redes sociais e da mídia em geral como importantes nesta disputa. Elas alcançam muito mais pessoas e conseguem combinar uma estratégia de mobilização das ruas e das redes, as ágoras da contemporaneidade.

VI. Bibliografia

Avritzer, L. (06 de junho de 2015). O panelaço e as formas do protesto social. Carta Capital Recuperado em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/O-panelaco-e-as-formas-do-protesto-social/4/33657>

BARDIN, L. (1977). Análise de conteúdo. *Lisboa: edições*, 70, 225.

Barker, C., Cox, L., Krinsky, J., & Nilsen, A. G. (2013). Marxism and social movements: An introduction. *Marxism and Social Movements, Brill, Leiden*, 1-37.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Bringel, B. (2011). A busca de uma nova agenda de pesquisa sobre os movimentos sociais e o confronto político: diálogos com Sidney Tarrow [Comentários ao artigo de Sidney Tarrow]. doi: 10.5007/2175-7984.2011_v10n18p51. *Política & Sociedade*, 10(18), 51-74. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/viewFile/.../17532>. Acesso em: Janeiro de 2016

Collovald, A., & Agrikoliansky, E. (2014). Mobilisations conservatrices: comment les dominants contestent?. *Politix*, 2(106)

Castells, M. (2017). *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Zahar.

Caparrós, M. Las elecciones y el honestismo. Tiempos Dificiles. Recuperado em: <http://fedebillie.blogspot.com.br/2009/06/las-elecciones-y-el-honestismo.html> Acesso em: Novembro de 2017.

Coutinho, C. N. (1981). Fontes do pensamento político: Gramsci. *Porto Alegre: L&PM*, 2.

Della Porta, D. (2015). *Social movements in times of austerity: Bringing capitalism back into protest analysis*. John Wiley & Sons.

Fontes, V. (2010). O Brasil e o capital imperialismo: teoria e história. In: *O Brasil e o capital imperialismo: teoria e história* (p. 384-384).

Galvão, A. e Tatagiba, L. Análise do confronto político no Brasil (2011-2016)

9º Congresso Latinoamericano de Ciência Política. Disponível em: [http://www.congresoalacip2017.org/archivo/downloadpublic2?q=YToyOntzOjY6InBhcmFtcyl7czozNToiYToxOntzOjEwOiJJRF9BUiFVSZVZVZPIjtzOjQ6IjI1MjUiO30iO3M6MT0iaCI7czozMjoiMGQ3ZmM4MzIyMDJINDdiNzk3YmRkZWQ5M2ExNzMxNGQiO30%3D](http://www.congresoalacip2017.org/archivo/downloadpublic2?q=YToyOntzOjY6InBhcmFtcyl7czozNToiYToxOntzOjEwOiJJRF9BUiFVSZVZPIjtzOjQ6IjI1MjUiO30iO3M6MT0iaCI7czozMjoiMGQ3ZmM4MzIyMDJINDdiNzk3YmRkZWQ5M2ExNzMxNGQiO30%3D) Acesso em: Setembro de 2017

Gruppi, L. (1978). *O conceito de hegemonia em Gramsci*. Rio de Janeiro: Graal.

Gramsci, A., Coutinho, C. N., & Henriques, L. S. (2000). Cadernos do cárcere. Volume 2: Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. Cadernos do Cárcere. Volume 2: Os Intelectuais. O Princípio Educativo. Jornalismo.

McADAM, D., Tarrow, S., & Tilly, C. (2009). Para mapear o confronto político. *Lua Nova*, 76, 11-48. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n76/n76a02.pdf>. Acesso em: Fevereiro/2016



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Marx, K., & Engels, F. (2007). *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)*. São Paulo: Boitempo.

Movimento Brasil Livre (2015a). Manual de instruções para filiais municipais. São Paulo: Movimento Brasil Livre. 38 p.

_____ (2015b). (26 de fevereiro de 2015) Depois de sabotar a democracia brasileira durante anos para se manter no poder, o PT, tendo esgotado seu poder institucional, decide partir para a barbárie. Lula ameaça utilizar seu exército de militantes contra o Brasil. (Atualização Facebook) Recuperado de <https://www.facebook.com/mblivre/videos/287572731366877/>

_____ (2015c) (24 de fevereiro de 2015) Uma imagem fala mais que mil palavras e bilhões em corrupção. Não podemos mais tolerar essa turma no nosso Brasil! O MBL combate o petismo em diversas frentes no país e esta organizando uma mega manifestação dia 15 de março. Contamos com sua presença e seu apoio. Ajude o MBL <https://www.paypal.com/cgi-bin/webscr...Manifestação> <https://www.facebook.com/events/1376898842609759/>

(Atualização Facebook) Recuperado de <https://www.facebook.com/mblivre/photos/a.204296283027856.1073741829.204223673035117/287376644719819/?type=3>

_____ (2015d) (26 de fevereiro de 2015) Dia 15 de março é importantíssimo o apoio de todos; o Brasil não pode mais aceitar esse partido no poder. (Atualização Facebook) Recuperado de <https://www.facebook.com/mblivre/videos/287613058029511/>

_____ (2015e) (06 de agosto de 2015) Curitiba, onde os corruptos estão presos. IMPEACHMENT JÁ! Curta Movimento Brasil Livre. (Atualização Facebook) Recuperado de <https://www.facebook.com/mblivre/videos/309288255861991/>

_____ (2015f) (15 de maio de 2015) CONVOCAMOS TODOS OS GRUPOS Todos os grupos que há meses estão fazendo oposição ao governo petista; todos os grupos que não aguentam mais tanta corrupção e tanta mentira; todos os grupos que lutam por um país melhor. Venham conosco nessa reta final da Marcha pela Liberdade para Brasília. Venham fazer história. Dia 27 de maio o Impeachment será protocolado. Vamos levar a força do povo brasileiro até o congresso nacional. 27 DE MAIO, TODOS EM BRASÍLIA PELO IMPEACHMENT! Ajude a



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

marcha kickante.com.br/campanhas/marcha-pela-liberdade-mbl (Atualização Facebook)
Recuperado de <https://www.facebook.com/mblivre/videos/297263577064459/>

_____ (2015g) (04 de novembro de 2015) Acacio Dorta faz um desabafo sobre o que viveu no acampamento em frente ao Congresso Nacional até aqui junto com os coordenadores Kim Kataguiri e Fernando Holiday. Pessoas de todos os cantos do país, de todas as classes sociais, de todas as cores e amores estão reunidas por um ideal: um Brasil livre. Essa luta é todos, essa luta é para todos. Vamos Ocupar Brasília e exigir o impeachment de Dilma Rousseff e a saída do PT do poder, o primeiro passo por um Brasil mais livre, justo e próspero. (Atualização Facebook)
Recuperado de <https://www.facebook.com/mblivre/videos/325041820953301/>

Rodrigues Cavalcanti Alves, A. (2010). O conceito de hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe. *Lua nova*, (80).

Singer, A. (2013). Brasil, junho de 2013, classes e ideologias cruzadas. *Novos estudos-CEBRAP*, (97), 23-40.

Tarrow, S. (2009). *O poder em movimento: movimentos sociais e confronto político*. Vozes.

TATAGIBA, Luciana et al. Protestos à direita no Brasil (2007-2015) (2016). In: CRUZ, Sebastião Velasco e et al (Org.). *Direita, Volver! o retorno da direita e o ciclo político*. São Paulo: Perseu Abramo, 2016. p. 197-212.

Tatagiba, L., Trindade, T., & Chaves Teixeira, A. C. (2015). Protestos à direita no Brasil-2007/2015. Velasco e Cruz, S., Kaysel, A., & Cotas, G. (2015). *Direita, volver! o retorno da direita e o ciclo político brasileiro*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, p. 197-212.

Tilly, C. (1977). *From mobilization to revolution*.

Vitullo, G. E. O honestismo e o triunfo da pequena política (2012) IN: VITULLO, G. E. *A ideologia do "Terceiro Setor": ensaios críticos*. Natal: EDURN, 2012.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio